

PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO REMOTO, USO INTENSIVO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS E INDÍCIOS DE CORRELAÇÃO COM NOMOFOBIA E FOMO

Fernando de Oliveira Vieira – UFF

fernandovieira@id.uff.br

Wagner Salles – FAETERJ

adm.wagner.salles@gmail.com

Suzana Canez da Cruz Lima – UFF

suzanacanez@id.uff.br

Denise Bessa Leda - UFMA

denise.bessa.leda@gmail.com

Lorena Esteves de Oliveira - UNIGRANRIO

lloris_88@hotmail.com

Resumo

O trabalho remoto tem sido romantizado sob o pretexto de os teletrabalhadores conseguirem mais equilíbrio entre trabalho e vida pessoal. O objetivo desse artigo é trazer ao debate o impacto do uso intensivo das tecnologias digitais para trabalhar como indício de precarização. A metodologia envolveu dois grupos focais com nove participantes e diários de campo de três voluntários que tentaram permanecer 24 horas desconectados. Os resultados indicam que o teletrabalho tem sido marcado por jornadas exaustivas e informalidade, frequentemente acionadas pelo próprio sujeito do desempenho. Do ponto de vista organizacional, observa-se o movimento de retorno ao presencial ou ao modelo híbrido, sob a justificativa de dificuldade de controle da produtividade a distância. Ora, tanto trabalhadores quanto seus gestores disparam gatilhos que intensificam a comunicação, praticamente sem fronteiras entre horário de trabalho e horário de descanso, pois geralmente usam seus próprios telefones celulares ou outros dispositivos eletrônicos para as atividades laborais. O quadro permite debater possível correlação com o que tem sido chamado de nomofobia (medo de ficar sem o telefone celular) e/ou FOMO - *Fear of Missing Out*, ou medo de ficar fora das redes sociais. O dito horário flexível pode ser naturalizado na perspectiva de mais disponibilidade para o trabalho, pois a urgência de resposta das demandas laborais pode ser justificada pelo discurso de pretensa liberdade para se executar o trabalho a distância. Os dados revelam a ambivalência do trabalho remoto: embora possibilite comodidade, impõe pressão por disponibilidade permanente. Registrou-se, também, que os custos com infraestrutura (mobiliário ergonômico, velocidade de conexão com a internet etc) são muitas vezes bancados pelos teletrabalhadores, além da responsabilidade de controle do ambiente familiar que passa a priorizar as exigências organizacionais, ampliando a precarização, na medida em que a privacidade e as demandas domésticas são subordinadas ao tempo do trabalho.

Palavras-chave: precarização, trabalho remoto, nomofobia.